

Arte é a expressão do belo

Oscar Braun – 10/9/19

Mas, o que é o belo? Dir-se-á, certamente, que é o que agrada os sentidos. Objetos e imagens belas, sons, sabores e aromas são tudo o que dá prazer aos sentidos. O que enleva, o que emociona. Sons são belos quando trazem prazer ao ouvido. Enlevam, emocionam, transportam o pensamento para um mundo de fantasias encantadoras ou para lembranças gratas que também emocionam. Outros sentidos como o olfato, o paladar e o tato também são tocados pelo prazer do que sentem como belo. O toque numa superfície cálida e aveludada, o perfume das flores e o sabor dos manjares.

A beleza está na própria Natureza. Céu, estrelas, Sol, Lua, mares, rios, peixes, flores, pássaros, enfim, tudo neste belo planetinha azul que habitamos. Nos instrumentos mais rudimentares, como em alguns machados de pedra polida, pode-se perceber o esmero na simetria, na curvatura do corte e no próprio polimento.

A Arte pictórica surgiu quando o ser humano, por seu deslumbramento, quis retratar as belezas que o cercavam e tentar nelas pôr algo mais vindo dos seus próprios sentimentos e das suas próprias emoções. Quis eternizar suas paixões, seus momentos de êxtase. Sentindo-se finito numa Natureza eterna, quis compartilhar suas emoções contemplativas com as gerações futuras. Um ardil de também se eternizar.

A verdadeira arte é sentida não precisa de instruções. Há, entretanto, uma grande variedade de seres humanos como também diversos tipos de cultura. Assim, a sensibilidade dos sentidos varia com esses parâmetros. O que sensibiliza uns não agrada outros. E a concepção de Arte como expressão do belo vai variar com as características humanas e com sua cultura. Mas arte também é sinônimo de esmero, é a técnica, é a busca da perfeição, é o requinte e é a sofisticação que requer não apenas o dom, mas também a dedicação, o esforço, a persistência e a busca do melhor que se pode obter do dom nato. É o cultivo das dádivas que se recebe da Natureza. Nisto está implícita a evolução cultural.

O grande compositor Ludwig Van Beethoven dizia que “somente a Arte e a Ciência podem elevar o homem a Deus”. Se a concepção de Deus é o símbolo da suma sapiência, é o limite que o ser humano busca alcançar. É uma escalada ao sublime. Essa escalada atinge todas as habilidades humanas. No atletismo, por exemplo, é emocionante assistir ao grau de aperfeiçoamento que alcançam os atletas em cada olimpíada. É Arte, sem nenhuma dúvida. A vocação nata cultivada com muito esforço e persistência.

Em todas atividades humanas a arte pode ser aplicada. O esmero, a finesse, a sutileza a busca da harmonia é percebida em cada gesto, em cada atitude e em cada expressão do verdadeiro artista. Não cultivar os dons é um desrespeito à Natureza.

Na música, quantas aulas e quanto treino são necessários para ser solista de qualquer instrumento ou da própria voz para se interpretar as belas composições de permanente valor artístico. A música dos “grandes mestres”. Porém, a arte muitas vezes mesmo mais intuitiva do que cultivada, produz também belíssimas melodias que trazem prazer a qualquer ouvido. A pessoa com sensibilidade artística percebe se houve esmero na composição ou se foi apenas intuitivo para atender um mercado não exigente.

Muitas das grandes composições clássicas foram inspiradas em melodias populares, que podem ser reconhecidas em alguns acordes. Assim como também se inspiraram em sons da Natureza. A sexta sinfonia de Beethoven, a Pastoral, é talvez o mais belo exemplo dessa inspiração. Outra clássica composição nesta linha é a valsa Vozes da Primavera de Johan Strauss II. De difícil

interpretação vocal, tem sido o ponto alto de algumas famosas sopranos coloratura. Diz-se comumente que gosto não se discute. É verdade. O prazer do que tange os sentidos varia de pessoa para pessoa. Porém é muito influenciado pelo grau cultural que hoje sofre também com a propaganda consumista. Tanto se ouve e tanto se vê que os sentidos são moldados pela indução ao consumo. Os sentidos se acostumam às sensações cotidianamente induzidas pela propaganda. É a exploração do sentimento de grupo. Todos passam a se sentir obrigados a possuir o que está em moda.

Todas as civilizações, desde as mais primitivas da Mesopotâmia, mostram uma evolução cultural expressa pelas artes que vão se sofisticando até um clímax, quando há uma interrupção causada talvez por invasões bárbaras ou cataclismos. Assim floresceram a Babilônia, o Egito, a Grécia, os Maias, Astecas e Incas. A Grécia, principalmente com a estatuária e a arquitetura. É preciso muita arte com sofisticada técnica para produzir, de um tosco bloco de mármore, uma Vênus de Milo, um Hermes de Praxiteles, um Davi ou a Pietá de Michelangelo. As telas e afrescos dos grandes mestres da pintura, como a Santa Ceia de Da Vinci ou o teto da Capela Sistina no Vaticano. Obras inigualáveis. Não há quem, de qualquer cultura, não se extasie ao vê-las. Há certeza que não se deslumbram da mesma maneira diante de um painel de arte abstrata.

Na Europa, para muitos historiadores, a arte teve seu clímax com a escultura e a pintura de 1500 a 1800 que buscava a perfeição nos detalhes e na expressão. Já a música evoluiu até 1826 com a monumental e revolucionária nona sinfonia de Beethoven, a Coral, e os seus últimos e refinados quartetos de cordas. Schubert e Schumann contemporâneos, assim como Brahms, produziram obras tão nobres como as de Beethoven, sem, no entanto, superá-lo. Schubert era um perfeccionista e talvez o superasse se não houvesse falecido tão cedo. Mahler, mais tarde usou também o recurso de coral nas suas magníficas composições sinfônicas. A música operística ainda evoluiu com as principais inovações até o fim do século XIX, principalmente com Verdi, Wagner, Puccini, Rossini e o nosso Carlos Gomes, entre outros. Obras que continuam veneradas, ganhando mais brilho ainda nos recitais anuais em grandes teatros europeus. Daí para cá foram tentadas inovações, mas perdendo o lirismo e a riqueza melódica.

Hoje cresce o interesse à música clássica ocidental no Oriente, como na China e no Japão. No You Tube há uma belíssima apresentação da ópera Turandot, de Puccini, na Cidade Proibida da China. Famosos cantores operísticos têm participado em récitas com cantores populares, trazendo a música erudita a platéias mais ecléticas.

No final do século XIX e início do XX houve a introdução da música atonal e o dodecafonismo já na linha do que passou a se chamar de música moderna, sem, contudo, um efeito musical que agradasse melhor os ouvidos acostumados à música tradicional. Para muitos historiadores da arte musical, a música sinfônica foi se descaracterizando e perdendo qualidade. Há uma intrigante coincidência de um pequeno episódio glacial no período do clímax artístico que para alguns pesquisadores há realmente uma relação de causa e efeito. Os dias muito frios teriam resultado numa reação de criatividade pelo mais demorado recolhimento das pessoas.

A reação à impossibilidade de se produzir arte além do clímax dos séculos anteriores, fez surgir o movimento da arte moderna com impressionismo, abstracionismo e outros “ismos”. Daí a arte, principalmente a de apelo comercial, só decaiu. Pintores originalmente clássicos como Picasso e Portinari capitularam ao modernismo muito mais fácil de pintar e vender.

A arte literária talvez seja a única que ainda vem produzindo obras de altíssimo nível, com exceção da poesia que perdeu muito com os versos brancos e o concretismo. Versos da poesia moderna, sem métrica e sem rima, são apenas fragmentos de prosa. A poesia clássica tem ritmo e cadência. Interessante que na música popular a rima ainda está muito presente. Carl Gustav Jung analisa o modernismo, sob seu profundo conhecimento da mente humana, no livro "O

Espírito na Arte e na Ciência". Faz uma análise crítica a partir do livro *Ulisses* de James Joyce e da obra de Picasso. Nesse livro há trechos lapidares como: "De *Ulisses* jorram 735 páginas, numa torrente de 735 horas, dias ou anos que representam um único dia, ou seja, o inexpressivo e insignificante 16 de junho de 1904, em Dublin, durante o qual, realmente, nada acontece". Ele fala numa esquizofrenia de costumes, de "uma manifestação coletiva de nosso tempo. O artista não obedece a um impulso individual, mas a uma corrente coletiva que, na verdade, não se origina do consciente, mas do inconsciente coletivo da psique moderna", isto é, da moda estabelecida pelos agentes do consumo. E lembra que "é bastante significativo que um dos pais espirituais desta manifestação, Van Gogh, fosse realmente um doente mental".

No seu simbólico livro *Psicanálise da Sociedade Contemporânea*, Eric Fromm explica com clareza como a arte passaria a ser manipulada por mero interesse político e comercial a partir de uma propaganda maciça e muitas vezes subliminar. Uma área humana de pessoas muito sensíveis com grande fragilidade aos interesses do poder. Hoje o processo de domínio segue a estratégia da "negatividade" que visa destruir todos os ícones da sociedade tradicional que resistam ao domínio de um "socialismo globalista" ou "progressista" que associa o refinamento cultural a uma aristocracia segregacionista. Procuram enaltecer o primitivo, o tosco e uma rudeza que agride ao invés de agradar. O objetivo é tomar o poder pelo enfraquecimento das mentes e mantê-lo indefinidamente. As pessoas veneram tudo que é classificado como moderno como se o tradicional fosse uma velharia sem valor. Quem não se enquadra nesse "gosto" implantado nas mentes é o chato, o retrógrado e é rejeitado nos grupos. Numa exposição são obrigadas a admirar aqueles rabiscos ou objetos primitivos e grotescos para não serem olhadas como diferentes ou anormais, mesmo que, no íntimo, não os apreciem nem os entendam. Vive-se uma sociedade deteriorada culturalmente que cultua os modos da periferia tosca sem saber porque. As escolhas não são mais conscientes. A sorte é que persistem os nichos verdadeiramente cultos, ainda incólumes ao neobscurantismo. Como já aconteceu em diversas ocasiões no passado, a Cultura sobreviverá a partir desses nichos e reflorirá. A evolução da mente humana continuará apesar de tudo.
